

## Comparação estrutural da representação de mulheres e homens acerca da violência

*Structural comparison of women's and men's representations regarding violence*

*Comparación estructural de la representación de mujeres y hombres sobre la violencia*

Carolina Coutinho Costa Vallejos<sup>1</sup> ; Victoria Leslyê Rocha Gutmann<sup>1</sup> ; Aline Neutzling Brum<sup>1</sup> ;  
Camila Daiane Silva<sup>1</sup> ; Daniele Ferreira Acosta<sup>1</sup> ; Marina Soares Mota<sup>II</sup> 

<sup>I</sup>Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil; <sup>II</sup>Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

### RESUMO

**Objetivo:** comparar a estrutura e o conteúdo da representação social de mulheres e homens sobre a violência. **Método:** estudo qualitativo fundamentado na Teoria das Representações Sociais. Participaram 150 usuários das Estratégias de Saúde da Família da cidade de Rio Grande/RS em 2019. Utilizou-se a técnica de evocações livres e entrevistas gravadas, aprovado pelo Comitê de Ética. Realizou-se análise prototípica pelo *software* EVOC e de similitude pelo IRAMUTEQ. **Resultados:** na centralidade da representação de mulheres e homens o elemento em comum foi violência. A representação das mulheres foi permeada pela violência física e verbal no ambiente doméstico. A dos homens foi destacada pela violência urbana em espaços públicos. **Considerações finais:** a representação social de mulheres e homens acerca da violência tem, em sua estrutura e conteúdo, como elemento em comum a violência, porém há nuances quanto ao local de ocorrência e os tipos de violência que cada sexo está sujeito.

**Descritores:** Enfermagem; Saúde da Família; Mulheres Maltratadas; Homens; Violência.

### ABSTRACT

**Objective:** to compare the structure and content of women's and men's social representations about violence. **Method:** in this qualitative study based on the Theory of Social Representations, conducted in 2019, the participants were 150 users of the Family Health Strategy in the city of Rio Grande, Rio Grande do Sul. The technique of free evocations and recorded interviews was used, approved by the Ethics Committee. A prototypical analysis was performed using EVOC software and a similarity analysis, using IRAMUTEQ. **Results:** the common element in women's and men's core representations was violence. The women's representations were permeated by physical and verbal violence in the home. Men's were notable for urban violence in public places. **Final remarks:** the structure and content of women's and men's social representations about violence involved violence as a common element, but there were nuances as to where it occurred and the types of violence that each sex is subject to.

**Descriptors:** Nursing; Family Health; Battered Women; Men; Violence.

### RESUMEN

**Objetivo:** comparar la estructura y el contenido de la representación social de mujeres y hombres sobre la violencia. **Método:** estudio cualitativo basado en la Teoría de las Representaciones Sociales. En 2019 participaron 150 usuarios de las Estrategias de Salud de la Familia de la ciudad de Rio Grande / RS. Se utilizó la técnica de evocaciones libres y entrevistas grabadas, aprobada por el Comité de Ética. Se realizó un análisis prototípico utilizando el *software* EVOC y uno de similitud con el IRAMUTEQ. **Resultados:** en la centralidad de la representación de mujeres y hombres, el elemento en común fue la violencia. La representación de las mujeres estuvo impregnada de violencia física y verbal en el ámbito doméstico. La de los hombres destacó por la violencia urbana en los espacios públicos. **Consideraciones finales:** la representación social de mujeres y hombres sobre la violencia tiene, en su estructura y contenido, la violencia como elemento común, sin embargo, existen matices en cuanto al lugar de ocurrencia y los tipos de violencia a los que es sometido cada sexo.

**Descritores:** Enfermería; Salud de la Familia; Mujeres Maltratadas; Hombres; Violencia.

## INTRODUÇÃO

A violência é um dos principais problemas de saúde pública, classificada em diversos tipos, da física até aquela menos aparente<sup>1</sup>. Suas consequências podem resultar em problemas físicos, psicológicos, sociais, incapacidade ou morte<sup>2</sup>. Dentre os obstáculos para a prevenção da violência está a detecção precoce, visto que é um fenômeno sociocultural e há muitas lacunas entre as recomendações das políticas públicas e as ações realizadas no processo cotidiano de trabalho. Um estudo revelou que a Atenção Básica deveria ter uma melhor organização para o enfrentamento da violência, visto que os profissionais que nela atuam têm contato contínuo e direto com os usuários(as)<sup>3</sup>.

A Estratégia de Saúde da Família (ESF) favorece o processo de trabalho ao ampliar a resolutividade e, logo, o impacto na saúde individual e coletiva. Além disso, configura um processo evolutivo e singular que inclui e respeita as

Autora correspondente: Victoria Leslyê Rocha Gutmann. E-mail: [victorialeslye@gmail.com](mailto:victorialeslye@gmail.com)  
Editora Científica: Cristiane Helena Gallasch; Editor Associado: Antonio Marcos Tosoli Gomes

especificidades de cada região<sup>4</sup>. A violência está presente nos territórios e é um desafio para as equipes das ESF, sendo imprescindível o trabalho intersetorial e interdisciplinar. Assim, o enfrentamento deve resultar do esforço de vários setores como serviço de saúde, escolas, assistência social, políticas públicas, justiça e participação da comunidade<sup>5</sup>.

Todos os grupos populacionais estão propensos a sofrer violência em algum estágio da vida. Um estudo revelou que os homens são o grupo mais atendido em emergências por causa da violência e seus agressores são pessoas desconhecidas ou amigos. Já as mulheres, os principais agressores são os parceiros íntimos, atuais ou anteriores<sup>6</sup>. Nesse sentido, percebe-se a diferença dos tipos de violência que ocorre entre os sexos feminino e masculino.

A partir disso, diversas políticas públicas foram implementadas no Brasil, porém o maior desafio, principalmente no âmbito da atenção primária, é a detecção precoce e o acompanhamento da violência além da perspectiva física, visto que é um fenômeno sociocultural. Existem muitas lacunas entre as recomendações citadas nas políticas públicas e o processo de trabalho realizado, dentre elas a construção do vínculo, o atendimento integral, considerando as diversas dimensões de cada indivíduo, o acompanhamento contínuo, e o reconhecimento da violência como um problema de saúde pública<sup>3</sup>.

Assim sendo, a representação social (RS) que mulheres e homens usuários(as) das ESF possuem sobre a violência permite reconhecer o cotidiano e o senso comum das pessoas sobre a violência, além de compreender significados, impressões e crenças sobre o tema, a fim de desmistificar aspectos que naturalizam os atos violentos, tornando familiar o objeto do estudo, bem como reforçando o conhecimento empírico que busca fortalecer ações de enfrentamento a violência. Diante do exposto, questiona-se: qual a representação social (RS) que mulheres e homens possuem sobre a violência? Objetiva-se: comparar a estrutura e o conteúdo da representação social de mulheres e homens sobre a violência.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e de abordagem qualitativa, fundamentado na Teoria das Representações Sociais (TRS). A pesquisa que utiliza a TRS como referencial teórico focaliza sua atenção no conhecimento dos participantes enquanto conhecimento importante para compreender o cotidiano dos mesmos, a assimilação dos fatos que ocorrem no meio e como o conhecimento construído sobre estes fatos são expressos por meio de sua comunicação e comportamento<sup>7</sup>.

A pesquisa teve como local de realização as 25 unidades de ESF da cidade de Rio Grande/RS. Em cada uma delas, convidou-se as seis primeiras pessoas, sendo três homens e três mulheres, que buscassem a unidade espontaneamente e preenchessem ao critério de inclusão de ter idade igual ou superior a 18 anos e de exclusão de estar em situação de urgência/emergência. Assim, totalizaram 150 pessoas, para a etapa das evocações e, dessas, as 32 primeiras também participaram das entrevistas. A coleta de dados ocorreu no período de janeiro a março de 2019. O número mínimo de participantes nas entrevistas em representações sociais é 30<sup>8</sup>.

Após o processo de consentimento, o participante registrou o aceite assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A etapa das evocações livres, consistiu em solicitar aos participantes que referissem as cinco primeiras palavras que viessem à mente frente ao termo indutor “violência”. As evocações livres permitem evidenciar significados verdadeiros e possibilita a visualização de elementos implícitos que podem ser mascarados durante o discurso<sup>9</sup>. Para as entrevistas, utilizou-se um roteiro semiestruturado, gravadas em áudio, com duração média de 40 minutos, realizadas em uma sala que a equipe de saúde disponibilizou no dia da coleta.

A análise das evocações foi pelo *software* EVOC, o qual identifica a frequência simples e a média ponderada de ocorrência de cada palavra, criando-se o do quadro de quatro casas. A partir das palavras do quadro, preparou-se o corpus para a análise de similitude, por meio do *software Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), possibilitando identificar as co-ocorrências entre as palavras, criando-se a árvore máxima. Por fim, as entrevistas foram tratadas pela análise de conteúdo<sup>10</sup>, objetivando-se contextualizar as palavras constantes no quadro de quatro casas.

Preservando-se o compromisso com a sua confidencialidade e anonimato, os participantes foram identificados pela inicial “P” de “Pessoas”, seguido do número da ordem de realização da entrevista (P1, P2, P3...), além da caracterização se sexo Feminino (F) ou Masculino (M). A pesquisa respeitou os aspectos éticos vigentes na Resolução CNS 510/2016, obtendo parecer aprovado do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, sob C.A.A.E. número 03758918.1.0000.5324.

## RESULTADOS

Os participantes tinham idade entre 18 e 79 anos. Quanto a cor/raça autodeclarada, 56,6% foi branca, seguida de negra (40,6%). A maior parte dos participantes se declarou heterossexual (97%). A maioria possuía nível fundamental de escolaridade (50,6%) e 50% estavam trabalhando. Também a maior parte dos participantes possuíam um

companheiro(a) (81%), residindo na maioria das vezes com o(a) mesmo(a) (67,3%), sendo de um (24,6%) a dois filhos (28,6%) a média mencionada.

O corpus formado pelas evocações das mulheres usuárias da ESF frente ao termo indutor “violência” totalizou 327 palavras, sendo 60 diferentes. Em uma escala de um a cinco, a média das Ordens Médias de Evocação (OME ou *rang*) foi 2,8, a frequência mínima 5 e a média 11 (Figura 1).

NC	Freq. $\geq$ 11 Rang < 2,8		1ª Periferia	Freq. $\geq$ 11 Rang $\geq$ 2,8	
	Freq.	Rang		Freq.	Rang
Violência física	26	2,308	Violência contra pessoas	46	2,870
Violência	17	2,118	Violência moral	13	3,462
Violência verbal	14	2,143	Tristeza	12	3,083
Dependência substâncias	11	2,273			
Contraste	Freq. < 11 Rang < 2,8		2ª Periferia	Freq. < 11 Rang $\geq$ 2,8	
	Freq.	Rang		Freq.	Rang
Violência doméstica	10	2,000	Maltratar animais	9	3,778
Falta de respeito	10	2,000	Caráter	8	3,375
Medo	10	2,800	Impunidade	7	3,286
Violência sexual	9	2,778	Preconceito	7	3,571
Homicídio	7	2,571	Violência psicológica	6	2,833
Assalto	6	2,500	Violência urbana	6	2,833
Negativo	6	2,167	Família	5	3,200

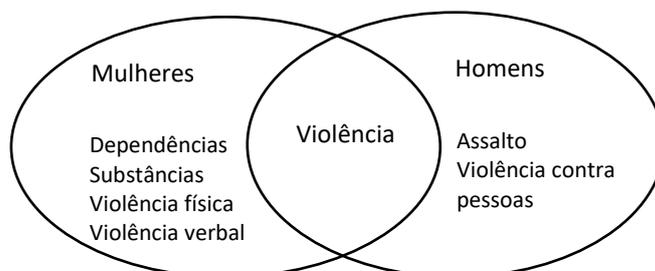
FIGURA 1: Quadro de quatro casas formado pela evocação das mulheres frente ao termo indutor “violência”. Rio Grande, RS, Brasil, 2020.

O corpus formado pelas evocações dos homens usuários da ESF frente ao termo indutor “violência” totalizou 337 palavras, sendo 66 diferentes. Em uma escala de um a cinco, a média das Ordens Médias de Evocação (OME ou *rang*) foi 2,8, a frequência mínima 8 e a média 17 (Figura 2).

NC	Freq. $\geq$ 17 Rang < 2,8		1ª Periferia	Freq. $\geq$ 11 Rang $\geq$ 2,8	
	Freq.	Rang		Freq.	Rang
Violência contra pessoas	38	2,579	Impunidade	18	3,389
Violência	37	2,000			
Assalto	18	2,111			
Contraste	Freq. < 11 Rang < 2,8		2ª Periferia	Freq. < 11 Rang $\geq$ 2,8	
	Freq.	Rang		Freq.	Rang
Homicídio	14	2,643	Dependência substâncias	16	2,875
Violência física	13	2,692	Violência urbana	12	3,583
Ódio	11	2,364	Maltratar animais	8	3,000
			Sem motivo	8	2,875

FIGURA 2: Quadro de quatro casas formado pela evocação dos homens frente ao termo indutor “violência”. Rio Grande, RS, Brasil, 2020.

O Núcleo Central (NC) é representado pela natureza do objeto descrito, nesse caso, o termo violência, que é o único comum aos dois grupos. Assim, ao comparar o NC dos dois quadros (Figura 3), o termo violência é o único em comum às duas representações, ele é um termo geral que pode englobar todos os tipos de violência – física, verbal, psicológica, patrimonial, moral e sexual.



**FIGURA 3:** Comparação do Núcleo Central da representação social de mulheres e homens. Rio Grande, RS, Brasil, 2020.

Ao analisar os termos exclusivos da representação das mulheres, verificou-se que a violência é composta pelos fatores que a gera, como a dependência de substâncias. Ainda, foram enfatizadas duas formas de violência, a física e a verbal. Por outro lado, na representação dos homens surge o termo violência contra as pessoas, ou seja, contra grupos específicos que não eles, como crianças, idosos, mulheres, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outros (LGBTQIA+), e negros. Ainda, evocaram uma forma específica de violência, o assalto, possivelmente presente em seu contexto social.

Dessa forma, ao se comparar a representação dos dois grupos, verifica-se que as mulheres representaram violência destacando dois tipos mais comuns, a física e a verbal, que ocorrem pelo abuso de substâncias. Por outro lado, os homens representaram a violência que acomete outras pessoas que não eles, como os grupos vulneráveis, além de destacarem a violência urbana comum aos espaços públicos. Considerando que os fenômenos de representações sociais fazem parte do espaço coletivo e individual, povoando o cotidiano, percebe-se que a representação de mulheres e homens sobre a violência têm suas nuances, tanto pelo local de ocorrência quanto pelo tipo de violência.

No quadro de quatro casas (Figura 1), a centralidade da representação das mulheres evidenciou os termos violência física (mais frequente) e violência (maior *rang*), reforçando o quanto a física se destaca das demais, além de violência verbal e dependência de substâncias. No NC da representação dos homens (Figura 2) emergiram os termos violência contra pessoas (mais frequente), violência (maior *rang*) e assalto.

*Violência significa toda forma de violência física e discriminação. (P9-F)*

*Acredito que existem fatores que influenciam a ocorrência da violência como o álcool e a dependência de substâncias (...). (P2-F)*

*Tudo que acontece de ruim é violência, roubo, assalto, extorsão, tudo é violência. (P29-M)*

*Já fui assaltado à mão armada quando eu era mais jovem. (P14-M)*

Os elementos de primeira e segunda periferia permitem modulações pessoais que geram representações individualizadas e, por isso, admitem a integração de informações ao NC. Assim, na primeira periferia da representação das mulheres surgiram os termos violência contra pessoas (mais frequente e prontamente evocado), além de violência moral e tristeza, identificando as pessoas suscetíveis a violência, tipos de violência e os sentimentos que são gerados. Já na primeira periferia da representação dos homens, surgiu apenas o termo impunidade, relacionado a falta de punição e/ou ao não cumprimento das leis, sugerindo que estas deveriam ser mais rígidas para quem causa a violência.

*No momento que se usa a violência (...) já é algo inaceitável, violência é trágico, é triste. (P28-F)*

*Eles [prisioneiros] têm até internet, isso não é punição, acho que a lei tinha que ser mais rígida. (P11-M)*

*Rever a possibilidade de colocar pena de morte, acho que assim minimizaria muito a violência. (P14-M)*

No quadrante inferior direito, segunda periferia, da representação das mulheres, figuraram os termos maltratar animais (mais frequente), caráter, impunidade, preconceito, violência psicológica, violência urbana e família (maior

*rang*). Retratam tipos de violências, grupos possivelmente acometidos por ela, além de avaliações sobre o agressor e seus atos. Já a segunda periferia da representação dos homens foi composta pelos termos dependência de substâncias (mais frequente e maior *rang*), sem motivo (maior *rang*), violência urbana e maltratar animais. Além disso, foram evocados neste quadrante maltratar animais e violência urbana, associados a geração de violência e tipos de violência.

*A drogadição é um dos fatores que gera muita violência. (P11-M)*

*Na minha opinião a violência significa intolerância e o ódio que as pessoas têm umas das outras, mas também pode acontecer por motivos banais. (P14-M)*

*Têm homens que trabalham comigo que batem nos animais e eu não entendo para quê fazer isso. (P16-M)*

*A violência significa algo muito ruim, tanto violência doméstica quanto violência urbana. (P3-M)*

Os elementos de contraste, que constituem o quadrante inferior esquerdo, podem reforçar a primeira periferia. A representação das mulheres foi composta pelos elementos violência doméstica e falta de respeito (mais frequentes e com maior *rang*), além de medo, violência sexual, homicídio, assalto e negativo. Esses elementos reforçam a primeira periferia, visto que tratam os tipos de violência e questões sentimentais. Já a representação dos homens foi composta pelos termos homicídio (mais frequente), violência física e ódio (maior *rang*), os quais também reforçam e exprimem os sentimentos e formas de violência.

*Já enfrentei situações de violência doméstica, eu cresci com um padrasto que bebia, tinha dias que ele passava do limite e chegava eufórico em casa, brigando com a minha mãe. (P23-F)*

*A violência acomete homens e mulheres devido à falta de respeito, o homem não respeita a mulher e a mulher não respeita o homem. (P1-F)*

*Violência para mim é tanto a violência física quanto um assalto. (P15-F)*

*Ele bateu nela, homem tem mais força, então ela quase morreu. (P7-F)*

*O animal mata para sobreviver e o ser humano mata por esporte. (P30-M)*

*O homem tem mais ódio, se encontra mais homens assaltando, violentando mulheres, fazendo mal para os outros. (P14-M)*

Como um segundo indicador da centralidade da representação, realizou-se a análise de similitude, a partir da conexidade e co-ocorrência dos termos evocados, por meio do *software* IRAMUTEQ (Figura 4). Na representação das mulheres, o termo violência física permanece central e tem forte conexidade com violência contra pessoas, verbal, sexual e moral, reforçando os tipos de violência mais comuns e que se destacam à violência de uma forma geral.

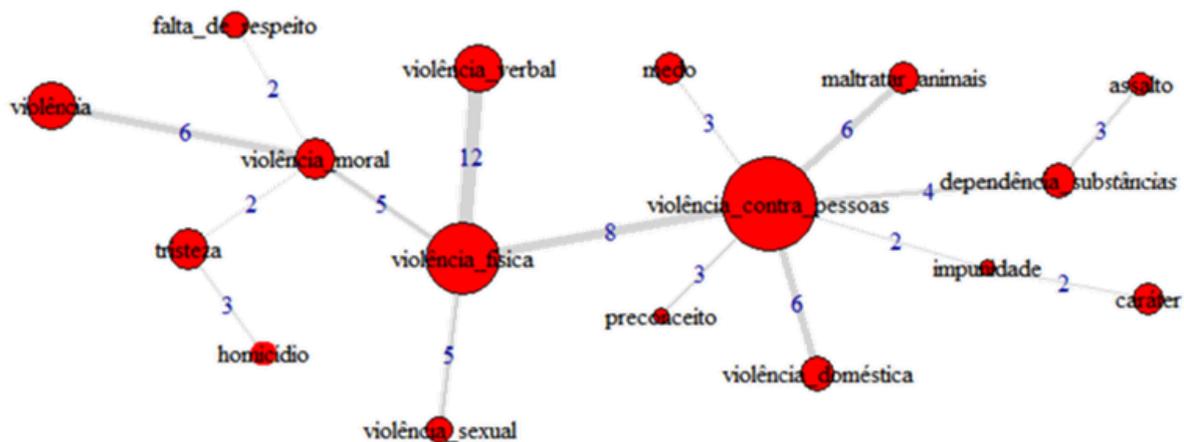


FIGURA 4: Árvore máxima da análise de similitude das evocações mais frequentes na análise das mulheres Rio Grande, RS, Brasil, 2020.

Já na representação dos homens (Figura 5), constatou-se que o termo violência está fortemente conectado com assalto e uma conexão mais baixa com o termo violência contra pessoas, todos elementos centrais, evidenciando fortemente a forma de violência mais comum no cotidiano dos homens e os grupos mais acometidos por ela, como mulheres, crianças, idosos, negros, população LGBTQIA+ e animais.

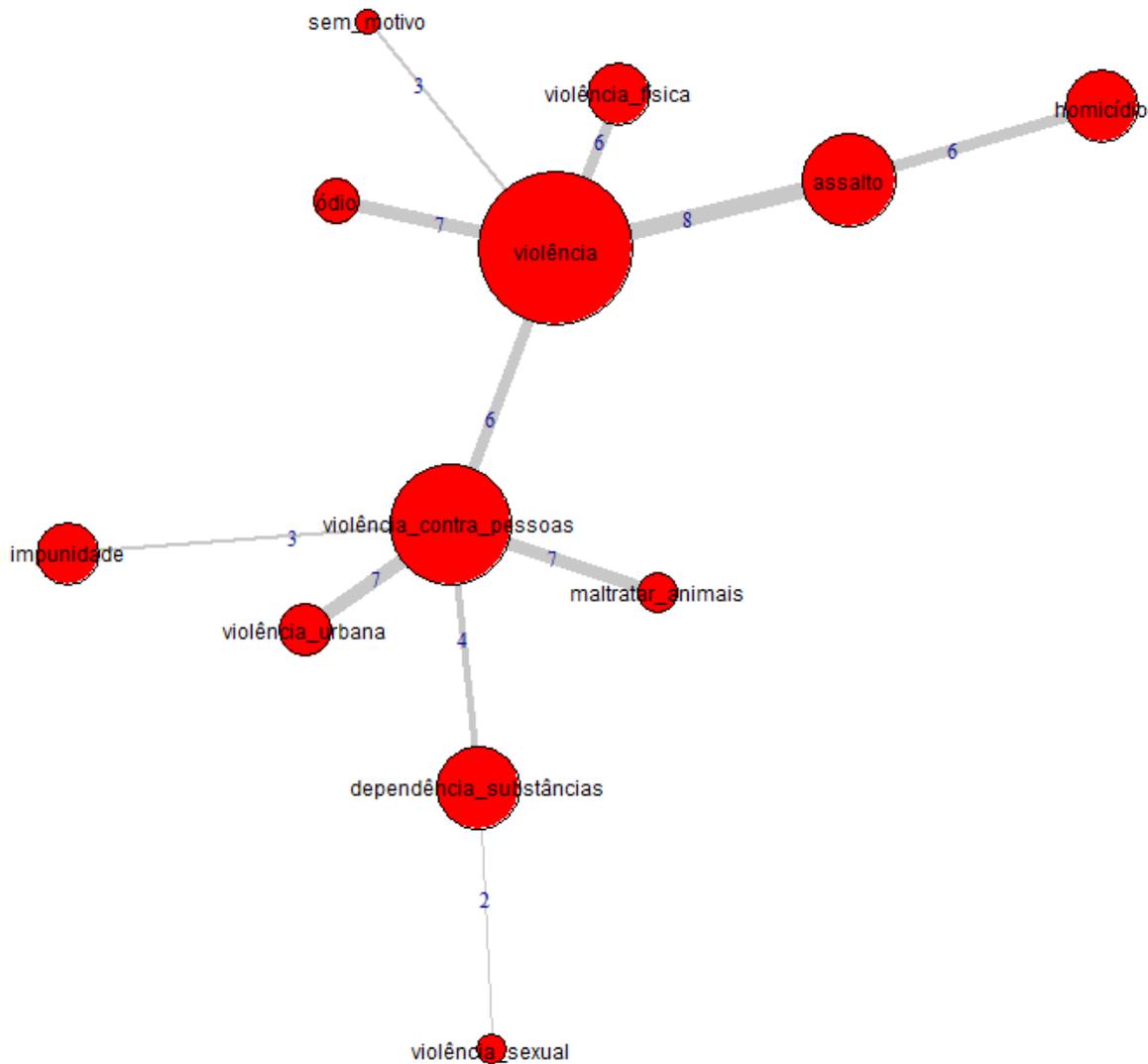


FIGURA 5: Árvore máxima da análise de similitude das evocações mais frequentes na análise dos homens. Rio Grande, RS, Brasil, 2020.

## DISCUSSÃO

Ao comparar a representação da violência entre mulheres e homens, verificou-se os tipos de violência, o local de ocorrência e sentimentos. O único termo comum aos dois grupos foi violência, sendo evocada para contemplar um significado amplo e geral, englobando todas as formas de violência que acontecem na sociedade. Embora a forma física seja a mais corriqueira, a violência verbal necessita de uma atenção especial, visto que gera vários efeitos emocionais, como o sentimento de vergonha e o desrespeito da dignidade<sup>11</sup> que deixam marcas mais enraizadas do que a violência física. Porém, a violência verbal precisa da reação de alguém que sinta, avalie e julgue o ato como ofensivo<sup>12</sup>.

Enquanto os homens referiram a violência urbana, associada ao termo assalto, como também a violência que ocorre com outros grupos, que não sejam eles, as mulheres representaram as formas de violência que ocorrem dentro de casa, geradas pelo abuso de substâncias. Acerca dos assaltos, um estudo mostrou a reação ao assalto, entre policiais e criminosos, em que o livre acesso a armas resulta quase sempre em um confronto que leva a morte de algum dos envolvidos<sup>13</sup>. Quando se trata de violência doméstica, um estudo de revisão delineou o perfil dos agressores de mulheres, como pessoas do sexo masculino, com envolvimento afetivo e que fizeram uso de álcool e/ou outras drogas nos instantes que precederam a violência<sup>14</sup>.

Embora o estudo tenha sido realizado em um período anterior a pandemia da COVID-19, é de extrema importância salientar que a violência contra a mulher, que também é considerada violência baseada no gênero, teve um aumento significativo de casos, pois o acesso a serviços públicos e participação em eventos sociais diminuiu e o tempo de convivência com o agressor aumentou, reduzindo a possibilidade da mulher fortalecer seus laços de confiança para buscar ajuda. Ainda,

as pessoas que convivem tenderam a aumentar os níveis de estresse, seja pelo medo de adoecer ou pelas privações do convívio social, favorecendo conflitos entre vítima e agressor. Além disso, o medo da violência atingir os filhos pode fazer com que a mulher não denuncie e aceite a situação vivida, tornando-a ainda mais vulnerável<sup>15</sup>.

Ainda, os tipos de violência contra mulher mais notificados são os abusos físicos, seguido de violência psicológica<sup>15</sup>. A violência doméstica fere os direitos humanos, humilha e impede o desenvolvimento como ser social. As consequências podem ser físicas, psicológicas, afetando a percepção sobre si mesma, o que gera sentimento de insegurança e impotência até mesmo nas suas relações sociais<sup>16</sup>.

A violência contra a mulher parece ser um grande tabu, pois ainda há uma subordinação dos comportamentos socialmente esperados da mulher, que constituem os papéis de gênero construídos, fazendo com que a violência não seja reconhecida por elas, colaborando para que as agressões sejam aceitas como normais<sup>17</sup>. Essas construções históricas e sociais sobre o gênero, influenciam a violência, ao passo que os papéis impostos a mulher perpetuam o conceito de que a mulher não tem liberdade acerca de seu corpo e nem de suas opiniões, contribuindo intensamente para os atos violentos, seja psicológico, moral, patrimonial, sexual ou físico que, muitas vezes, interrompe a vida de milhares de mulheres<sup>18</sup>.

A violência contra pessoas abordada tanto no NC dos homens como na primeira periferia das mulheres abrange vários grupos. Quanto a violência contra o grupo LGBTQIA+, por exemplo, um estudo analisou as violências e as dificuldades para inclusão desse grupo no trabalho e evidenciou a agressão física e o assédio como as práticas mais comuns nesse meio. Outros tipos de violência sofrida por esse grupo está o estigma social, que associa a homossexualidade à uma patologia, como ao HIV/AIDS<sup>19</sup>.

Acerca da violência contra crianças, um estudo identificou que 63% das crianças e/ou adolescentes já sofreram algum tipo de violência e os principais agressores são os pais (50,9%). A violência que mais acontece com essas pessoas é a psicológica, seguida de negligência, abandono, sexual e física<sup>20</sup>. O elemento tristeza pode ser uma consequência do convívio frequente com situações de violência. Um estudo realizado com adolescentes evidenciou que a vivência com a violência intrafamiliar provoca além de marcas físicas, tristeza contínua, levando muitas vezes a depressão e até a autolesão corporal, como forma de “suavizar” a tristeza<sup>21</sup>.

Ainda, na primeira periferia da representação das mulheres, apareceu o elemento violência moral. Um estudo realizado com adolescentes do sexo masculino revelou que eles reconheciam a violência no namoro apenas quando tinham consequências visíveis e naturalizavam a violência moral com o pretexto de que era um recurso para garantirem sua autoridade nos relacionamentos<sup>22</sup>. Uma pesquisa com o objetivo de analisar as representações sociais sobre violência e maus tratos contra a pessoa idosa verificou que os próprios idosos apresentaram uma visão ampliada do tema, descrevendo a violência como um ato físico que causa dor, sob a forma de agressão verbal com palavras que tem o intuito de causar humilhação ou de efeito moral à pessoa idosa<sup>23</sup>.

A representação dos homens na primeira periferia possui um elemento único, a impunidade. Outro estudo mostrou que o aumento da criminalidade pode sobrecarregar a polícia e o sistema judiciário, aumentando a impunidade como consequência<sup>24</sup>. Esses elementos são reforçados na zona de contraste dos homens, visto sua preocupação de que os autores de violências, como homicídios e assaltos, permaneçam impunes. A violência urbana, como os assaltos, está associada à ausência dos cumprimentos dos deveres dos cidadãos, além do crescimento desordenado das cidades, o que influencia no aumento do desemprego, da fome, da miséria e da marginalização, contribuindo para a ocorrência de violência<sup>25</sup>.

Um estudo revelou que os processos por crimes de homicídio, embora sejam os mais graves, são lentos e deficientes, sendo comum o abandono da investigação, uma vez que quanto mais tempo se passa mais difícil recolher informações suficientes para identificar os autores<sup>26</sup>. Sabe-se que as leis foram criadas para amparar e proteger as pessoas vítimas de violência, porém essa vagarosidade na resolução dos casos é responsável, em grande parte, pela impunidade dos agressores<sup>27</sup>.

O termo família surgiu na representação das mulheres, na segunda periferia. Outros estudos mostraram que mulheres que vivenciaram violência doméstica na família, na infância, apresentaram mais chances de viver violência nos seus relacionamentos conjugais na vida adulta<sup>28-29</sup>. Esses estudos reafirmam que a família tem grande influência no comportamento das crianças em suas relações futuras<sup>28-29</sup>.

Na segunda periferia da representação das mulheres e dos homens, foi identificado o termo maltratar animais, evidenciando a necessidade da proteção contra atos cruéis e abusivos<sup>30</sup>. As variadas formas de opressão, seja entre humanos ou entre humanos contra animais, leva a reflexão sobre as preocupações enquanto seres morais e jurídicos<sup>30</sup>. Ainda, o elemento sem motivo, na representação dos homens, mostra que nem sempre há um motivo para praticar violência. Um estudo realizado com adolescentes, sobre o *bullying*, evidenciou que os ataques são executados de forma repetitiva e sem motivos aparentes, um hábito que mantém hierarquia de poder por meio da intimidação da vítima<sup>31</sup>.

Os elementos de contraste são aqueles com baixa frequência, porém importantes, pois reforçam as ideias presentes na primeira periferia<sup>9</sup>. Nesse sentido, a representação das mulheres, na zona de contraste, reforçou as noções

da primeira periferia, em que existiram elementos que descrevem os tipos de violência e sentimentos negativos e julgamentos sociais frente ao agressor. O medo é identificado em um estudo como fator essencial para que mulheres permaneçam em relações de violência. O medo de não conseguir um outro relacionamento, do agressor ser mais violento, a dependência emocional e financeira são alguns fatores associados ao medo que desencorajam as mulheres a romper com a situação de violência<sup>32</sup>.

Na zona de contraste dos homens, os elementos também reforçaram as noções da primeira periferia, surgindo o elemento ódio, um sentimento negativo em relação a violência ou até mesmo um fator que desencadeia a violência. Um estudo de revisão buscou analisar técnicas para o enfrentamento da violência doméstica, em que se tem o homem como autor da violência e a mulher como vítima, e como resultados obteve-se o uso da abordagem cognitivo-comportamental, que além de outros benefícios, destaca-se o controle da raiva, reduzindo, assim, os atos agressivos<sup>33</sup>.

### Limitações do estudo

Como limitação do estudo, destaca-se a limitação geográfica, podendo-se ampliar para outros locais, bem como para unidades de saúde que não sejam vinculadas às ESF. Ainda, é importante enfatizar que são poucos os estudos que retratam os homens e sua representação sobre a violência, requerendo maior produção acerca desse público e temática.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação da representação social de mulheres e homens sobre a violência tem, em sua estrutura e conteúdo, como elemento central em comum, o termo violência. Ambos retrataram aspectos sentimentais e os tipos de violência. No entanto, as mulheres enfatizaram o espaço privado quanto ao local de ocorrência e os homens o espaço público com situações de assalto. Sobre os aspectos sentimentais, as mulheres destacaram o medo, já os homens o ódio.

Ao compreender essas diferenças, é possível refletir sobre melhorias para estratégias, prevenção, detecção precoce e acompanhamento de pessoas que sofrem violência. Apesar de ser um tema histórico, as leis, políticas públicas e processos de trabalho ainda não conseguem ter uma abordagem específica para mulheres e homens, que possuem necessidades e percepções diferentes.

### REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. World report on violence and health. Geneva: WHO; 2002.
2. Dahlberg LL, Krug EG. Violence: a global public health problem. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2007 [cited 2021 Jul 24]; 11(supl):1163-78. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>.
3. Mendonça CS, et al. Violence and Primary Health Care in Brazil: an integrative literature review. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2020 [cited 2021 Jul 24]; 25(6):2247-57. DOI: <http://doi.org/10.1590/1413-81232020256.19332018>.
4. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. [Internet]. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Dispõe sobre a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2017. [cited 2021 Jul 24]. Available from: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436\\_22\\_09\\_2017.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html).
5. Pereira Júnior LA, Beretta RC de S. A estratégia de saúde da família e o enfrentamento à violência e fatores de risco. *Psicol. Saúde Debate.* [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 5(2):82-95. DOI: <http://doi.org/10.22289/2446-922X.V5N2A6>.
6. Pinto IV, et al. Aggressions in urgency and emergency care in Brazilian capitals: perspectives of 2011, 2014 and 2017 VIVA Survey. *Rev. brasil. epidemiol.* [Internet]. 2020 [cited 2021 Jul 24]; 23(1). DOI: <http://doi.org/10.1590/1980-549720200009.supl.1>.
7. Silva SEDS, Camargo BV, Padilha MI. The Social Representations Theory in Brazilian nursing research. *Rev. Bras. Enferm.* [Internet]. 2011 [cited 2021 Jul 24]; 64(5):947-51. DOI: <http://doi.org/10.1590/S0034-71672011000500022>.
8. Santos EI, Gomes AMT, Oliveira DC de. Representations of vulnerability and empowerment of nurses in the context of HIV/AIDS. *Texto Contexto Enferm.* [Internet]. 2014 [cited 2021 Jul 24]; 23(2):408-16. DOI: <http://doi.org/10.1590/0104-07072014000700013>.
9. Oliveira DC, et al. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: Paredes AS. *Perspectivas Teórico-Metodológicas em representações sociais.* João Pessoa (PE): Editora Universitária UFPB; 2005.
10. Bardin L. *Análise de Conteúdo.* São Paulo: Edições 70; 2011.
11. Herculano MAFC, et al. Social representations of dating violence in adolescents: a systematic review. *Rev. Eletr. Acervo Saúde.* [Internet]. 2020 [cited 2021 Jul 24]; 12(7):1-12. DOI: <http://doi.org/10.25248/reas.e3260.2020>.
12. Charaudeau P. Reflexões para a análise da violência verbal. *Desenredo.* [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 15(3):443-76. DOI: <http://doi.org/10.5335/rdes.v15i3.9916>.
13. Oliveira EC. O paradoxo da valentia: homens brutalizados numa sociedade pacificada – estudo de casos de reação a roubos a mão armada em Goiás (2009-2012). *Cad. Estud. Soc.* [Internet]. 2016 [cited 2021 Jul 24]; 31(2):51-70. Available from: [https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/download/1544/pdf\\_1](https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/download/1544/pdf_1).
14. Nicolau EA, et al. Relação entre violência contra mulher e uso de substâncias psicoativas pelo agressor. *ANALECTA.* [Internet]. 2020 [cited 2021 Jul 24]; 5(5). Available from: <http://seer.cesjf.br/index.php/ANL/article/view/2367>.

15. Marques ES, Moraes CL, Hasselmann MH, Deslandes SF, Reichenheim ME. Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. *Cad. Saúde Pública*. [Internet]. 2020 [cited 2021 Jul 24]; 36(4):1-6. DOI: <http://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>.
16. Mota SR, Silva OPP da. Violência doméstica e suas consequências psicoemocionais. *Revista Eletrônica Casa de Makunaima*. [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 2(3):104-13. DOI: <http://doi.org/10.24979/makunaima.v2i3.387>.
17. Lima ABM, et al. Women's space in society: a reflection from the Second Sex from Simone de Beauvoir. *Rev. Alembra*. [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 1(3):104-115. DOI: <http://doi.org/10.47270/RA.2596-2671.2019.v1.n3.id591>.
18. Santos RG dos, et al. Violence against women from the gender theories perspective. *Id On Line Rev. Mult. Psic.* [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 13(44):97-117. DOI: <http://doi.org/10.14295/idonline.v13i44.1476>.
19. Cortez PA, et al. Sexism, misogyny, and LGBTQphobia: challenges to promote inclusive work practices in Brazil. *Physis*. [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 29(4):1-22. DOI: <http://doi.org/10.1590/S0103-73312019290414>.
20. Hildebrand NM, et al. Resilience and mental health problems in children and adolescents who have been victims of violence. *Rev. Saúde Publ.* [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 53(17). DOI: <http://doi.org/10.11606/S1518-8787.2019053000391>.
21. Magalhães JRF, et al. Repercussions of family violence: oral history of adolescents. *Rev. Bras. Enferm.* [Internet]. 2020 [cited 2021 Jul 24]; 73(1):1-7. DOI: <http://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0228>.
22. Souza TMC, Pascoalto TE, Mendonça ND. Violence against women in dating: perceptions of university students. *Rev. Psicol. Saúde*. [Internet]. 2018 [cited 2021 Jul 24]; 10(3):31-43. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v10i3.695>.
23. Amaral AK de FJ do, et al. Violence and abuse against the elderly: social representations of young people, adults and the elderly. *Rev. enferm. UERJ*. [Internet]. 2018 [cited 2021 Jul 24]; 26:e31645. DOI: <http://doi.org/10.12957/reuerj.2018.31645>.
24. Nadanovsky P, et al. Homicide and impunity: an ecological analysis at state level in Brazil. *Rev. Saúde Publ.* [Internet]. 2009 [cited 2021 Jul 24]; 43(5):733-42. DOI: <http://doi.org/10.1590/S0034-89102009000500001>.
25. Santos N do N dos, Santos GB dos. Social impact of urban violence. *Rev. FAESF*. [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 3(1). Available from: <http://www.faesfpi.com.br/revista/index.php/faesf/article/view/78>.
26. Ferraz TS. Articulation and communication between state agents: possible impacts on impunity in murder crimes. *Rev. AJURIS*. [Internet]. 2018 [cited 2021 Jul 24]; 45(145):267-92. Available from: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/bibli\\_informativo/bibli\\_inf\\_2006/Rev-AJURIS\\_n.145.11.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-AJURIS_n.145.11.pdf).
27. Araújo DS, Guimarães PBV, Xavier YMA. O crime de ameaça no âmbito doméstico: uma análise da impunidade da lei Maria da Penha a partir de estudos de fluxos. *Rev. Digital Constituição e Garantia de Direitos*. [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 12(1):158-80. Available from: <http://periodicos.ufrn.br/constituicaoegarantiadedireitos/article/view/16077>.
28. Greinert BRM, et al. Família, comportamento e qualidade de vida em crianças vítimas de violência doméstica. *Rev. Valore*. [Internet]. 2018 [cited 2021 Jul 24]; 4:151-66. DOI: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/322>.
29. Flores YR. Sexual violence as a limiting factor on the perception and management of the risk of HIV in women married to migrants. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. [Internet]. 2016 [cited 2021 Jul 24]; 24(e2782). DOI: <http://doi.org/10.1590/1518-8345.1141.2782>.
30. Lourença DB, Oliveira FCS de. Prohibition of cruelty against animals: rule or constitutional principle? *Rev. Direitos Fundamentais & Democracia*. [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 24(2):222-52. DOI: <http://doi.org/10.25192/issn.1982-0496.rdfd.v24i21294>.
31. Lacerda IM, Padilha MF, Amaral PSP. Cyberbullying: virtual violence and criminal typing in Brazil. *ISJ* [Internet]. 2018 [cited 2021 Jul 24]; 2(13):169-84. Available from: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/741/445>.
32. Silva D da, Silva RLFC. Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação. *Humanidades & Tecnologia em Revista*. [Internet]. 2020 [cited 2021 Jul 24]; 20(1):328-40. Available from: [http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/1008](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1008).
33. Moura JQ, Fermann IL, Corrêa AS. Cognitive-behavioral interventions with men's authors of violence against women: integrative literature review. *Contextos Clínicos*. [Internet]. 2019 [cited 2021 Jul 24]; 12(3):728-750. Available from: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1983-34822019000300003&lng=pt&nrm=iso&tIng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-34822019000300003&lng=pt&nrm=iso&tIng=en).